

EDUCAÇÃO PÚBLICA QUE EMANCIPA, EDUCAÇÃO PÚBLICA QUE EXCLUI

Disciplina: Trabalho, Educação e Políticas Públicas

Carga horária: 45 horas (3 créditos)

Turma: Sexta-feira, 14h às 16h45

Professor: Pedro Demo

E-mail: pedrodemo@gmail.com

I. Ementa do curso

Educação pública que emancipa – Educação pública que exclui. Igualização de oportunidades como possibilidade e como farsa. Diagnósticos da Escola Pública (avaliar para cuidar). Aprender como autor: desafios do professor autor, cientista, pesquisador. Da escola-pesadelo para a escola-sonho. Aluno autor, cientista, pesquisador, desde o pré-escolar. Educação e neoliberalismo, “escola sem partido”, militarização, escola sem rumo. Instrucionismo escolar generalizado. Propostas para uma escola da aprendizagem autoral.

O curso está no âmbito da disciplina optativa “Trabalho, Educação e Políticas Públicas” e vai trabalhar **Educação como Política Pública**, focando o lado esperadamente emancipatório, ao lado de efeitos excludentes, tendo em vista que educação é uma dinâmica ambígua. A *politicidade* da educação marca efeitos positivos e negativos sempre possíveis, não sendo o caso apenas apontar para esperanças emancipatórias, nem tomar a situação atual muito excludente da educação pública como destino irrecuperável. Educação pode ser, sim, emancipatória (“aprendizagem transformadora”), como pode ser excludente, porquanto sua politicidade admite a duplicidade inerente. Frequentar escola pública não garante emancipação, porque pode acontecer que a escola pública seja “escola pobre para o pobre”, feita para não funcionar, farsante, sendo esta a razão maior da existência da escola privada: a elite não quer a escola dos pobres. No entanto, dentro da escola pública temos a melhor escola do país, melhor que a privada: a *escola federal* (Colégio de Aplicação é, possivelmente, a melhor versão, ao lado do famoso Pedro II, no Rio de Janeiro), o que revela dois incômodos agudos: de um lado, indica que sabemos fazer uma escola pública da melhor qualidade; de outro, sendo sua cobertura de 1%, é seletiva frontalmente (pequeno-burguesa).

Há alguns experimentos importantes na escola pública básica, começando por Ceará, onde estão os dois municípios como maior Ideb no país (2019): Mucambo (9,4); Independência (9,1). Sendo um estado pobre do Nordeste, indica que é possível mudar, partindo esta mudança de municípios, nos quais professores públicos resolvem preservar o direito dos estudantes de aprender. Tem destaque também Paraná, onde há um exército de municípios com “aprendizado adequado” elevado nos Anos Iniciais, na escola municipal. Na escola estadual o desempenho, é, porém, muito precário, o que sugere a decadência da versão estadual. Destroí em grande parte o desempenho escolar o “**efeito desaprendizagem**”: aprendemos sempre menos à medida que

subimos nas etapas, sobretudo em matemática. Esta situação questiona a formação dos pedagogos e, sobretudo, dos licenciados, que, não sendo culpados, possuem responsabilidade pelo que fazem ou não fazem na escola. De fato, a universidade deveria formar um profissional da aprendizagem, mas inventa um profissional do ensino – dá aula; não cuida da aprendizagem.

Em geral o desempenho escolar público é extremamente precário, com avanços muito

insuficientes no tempo, mormente no Ensino Médio e, mais ainda, em matemática. No Enem, é “tradição assentada” que ninguém sabe redigir (na versão de 2020, 28 candidatos tiveram nota máxima em redação, dentre quase 3 milhões) – não se toma qualquer providência. Na BNCC consta a “recriação da escola”, um visível “ato falho”, embora sinalize uma urgência: a escola precisaria mudar radicalmente, não sendo suficiente apenas reformar.

O curso coloca três desafios maiores:

1. Estudar “**aprendizagem autoral**”, junto com propostas que acentuam “**atividades de aprendizagem**”, não só de ensino na escola. Além da tradução maiêutica socrática, representada superlativamente por Paulo Freire, temos hoje aportes importantes da biologia e neurociência que frisam a necessidade de participação dos alunos, no contexto da **aprendizagem como autoria**. As escolas são feitas para repassar conteúdo curricular e dele cuidam, sendo também o que se

controla a partir das autoridades educacionais. Aprendizagem não é assegurada, o que reduz a escola ao rito vazio “instrucionista” (aula, prova, repasse).

2. **Diagnosticar a situação escolar**, dentro do princípio das políticas públicas de “*avaliar para cuidar*”, ou de que só mudamos o que diagnosticamos. Diagnósticos são sempre preliminares, incompletos, e produzem interpretações questionáveis derivadas de dados questionáveis. O uso do Ideb tem esta condição questionável naturalmente, já que todo dado é resultado de um processo também controverso de construção técnica, em parte porque depende de conceitos discutíveis, como o próprio “aprendizado adequado”. Ademais, o Ideb só contempla a parte pedagógica, deixando fora fatores fundamentais para o desempenho escolar como é a pobreza dos alunos, ao lado de questões neoliberais, infraestruturais, tecnológicas etc.

3. **Tentar propor alternativas de políticas públicas**, a partir do diagnóstico das atuais políticas. Se, por exemplo, transmitir conteúdo curricular não garante aprendizagem dos alunos, o que colocaríamos em seu lugar? Claramente, grande parte dos estudantes perde seu tempo na escola pública. E não há sinal de mudança, mesmo sob a exigência da BNCC de “recriar a escola”. Um dos desafios maiores é reinventar a **docência**, desde a formação universitária, considerada totalmente ultrapassada, além da valorização profissional. Professor, hoje, precisa ser “autor, cientista, pesquisador”, não apenas um ministrador de aula, em geral *copiada para ser copiada*.

Como a muitos estudantes interessa o conceito e a prática da “**socioeducação**”, que pode ser vista como categoria mais adequada que “educação” eventualmente, é sempre possível focar esta dimensão preferencialmente: aproveitam-se teorizações e práticas educacionais com pretensões emancipatórias voltadas aos direitos das crianças e jovens. A BNCC, finalmente, acatou a proposta do desenvolvimento socioemocional dos estudantes, admitindo, então, que o professor não pode só “dar aula; precisa **cuidar**”. Em geral, jovens sob cuidado do Estado, recebem o mesmo “cardápio” educacional formal escolar, totalmente impróprio, resultando em desempenhos muito baixos e desmotivação ostensiva. Dada a importância do tema, estão reservados dos encontros (6 e 13 de janeiro) (**Laísa** vai coordenar as atividades, pois tenho viagem prevista nessa época).

II. ORGANIZAÇÃO DO CURSO

1. AVALIAÇÃO

Três componentes principais (ao lado da frequência):

- i) desempenho no grupo
- ii) desempenho na apresentação individual da proposta de trabalho final
- iii) qualidade do texto final individual (de 20 páginas) a ser entregue, dia 10 de fevereiro de 2023, no Teams. O texto deve estar dentro da temática do curso, admitindo-se trabalhar o que importa para a formação de cada estudante.

Peso maior do texto final individual (80%).

2. DINÂMICA DO CURSO

O acento do curso não é a exposição do professor, também para ser coerente com a noção de “**aprender como autor**”. Por isso, ao lado de algumas aulas iniciais (4), o curso cultiva a participação dos estudantes: em grupo, logo depois das aulas; individual (apresentação agendada do texto final); individual (elaboração do texto final). A noção de aprender como autor solicita “atividades de aprendizagem” que reforcem a **autoria dos estudantes**, objetivo maior do curso.

2.1. No primeiro encontro, que será físico, decidimos juntos como mesclamos a presença física e virtual.

2.2. O curso conta com Laísa (do CEAM), como assistente.

2.3. **Quatro etapas:**

i) 4 encontros com o professor, para dialogarmos sobre o conteúdo do curso: 4, 11, 18 e 25 de novembro;

ii) apresentação em grupo - divisão da turma em 3 grupos, para um dia de exposição – aprendizagem autoral; diagnóstico escolar; propostas alternativas (grupos com o mesmo número de participantes): 2, 9 e 16 de dezembro;

iii) divisão em dois grupos para discutir **SOCIOEDUCAÇÃO**: dias 6 e 13 de janeiro, sob a coordenação de Laísa (tenho prevista viagem de duas semanas nessa época): dia 6 de janeiro, o primeiro grupo apresenta e discute o texto de Anne Caroline A. Santos (“*Socioeducação*”), na perspectiva de Antônio Carlos; dia 13 de janeiro, o segundo grupo apresenta e discute o texto de Paulo Freire “*Pedagogia da Autonomia*”;

iv) exposição individual da proposta do trabalho final (três grupos com número igual): 20 e 27 de janeiro; 3 de fevereiro;

2.4. É sempre pertinente usar multimídia nas exposições (vídeos, por exemplo, sobretudo feitos pelos participantes; plataformas digitais pertinentes);

2.5. O texto final será entregue, no Teams, dia 10 de fevereiro.

3. APOIO

Laísa dá todo apoio aos estudantes, também digital ou relativo ao Teams, para que possamos fazer um curso proveitoso para todos. Ela grava os encontros e cuida da frequência. Se houver algum imprevisto no curso (por exemplo, algum encontro cancelado), com Laísa reorganizamos a sequência.

BIBLIOGRAFIA

I. Textos do Professor:

1. Pesquisa: princípio científico e educativo, Cortez, 1990.
2. Educar pela Pesquisa, Autores Associados, 1996.
3. Aprender como Autor, Gen, 2015.
4. Atividades de Aprendizagem – Sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem dos estudantes, SED/Gov. MS, Campo Grande, 2018 - <https://drive.google.com/file/d/1FKskDCxNB422PVhrjrDjD48S4cjsb77-/view>
5. Efeito Desaprendizagem na Escola Pública, Amazon, 2021 (com R.A. Silva) - <https://drive.google.com/file/d/1jnLdc4Eie3zY0eDbmfMrz6Kac17kVqj0/view>
6. A gênese da escola pública: Uma breve análise histórica e atual da escola brasileira, Ed. Hipótese (com A. Shigunov Neto), 2021 - https://drive.google.com/file/d/19bG_YmhEpTbLjA3qprzv_xGUcazmLFQp/view
7. Educação como estratégia de ranqueamento social – Retomando a sociologia da educação reprodutiva, hoje - https://drive.google.com/file/d/1Op9PyRzwCIRFDPfp3ZK_W4PCBI9iRIh-/view
8. Formação de professores básicos na universidade – Indicações preliminares de um adestramento obsoleto - <https://pedrodemo.blogspot.com/2021/09/ensaio-681-formacao-de-professores.html>
9. Educação à Deriva – À direita e à esquerda: instrucionismo como patrimônio nacional - <https://drive.google.com/file/d/10nMlGL8N9GKFgwtbnL-bIn7GQf0HdyA4/view>
10. BNCC: Ranços e avanços - <https://drive.google.com/file/d/1iNN-LQuf-9rJe6wFQoHI9kQzUKqjzDBj/view>
11. Há escolas “privadas” no espaço público - <https://pedrodemo.blogspot.com/2022/02/cronica-62-ha-escolas-privadas-no.html>
12. Aprender com suporte digital – atividades autorais digitais - https://pedrodemo.blogspot.com/2020/06/ensaio-516-aprender-com-suporte-digital_1.html
13. Modalidade à distância avança no ensino superior - <https://pedrodemo.blogspot.com/2022/04/ensaio-790-modalidade-distancia-avanca.html>

14. Escola e Cuidado - <https://pedrodemo.blogspot.com/2021/05/ensaio-442-escola-e-cuidado.html>

15. De dissertações e teses (pós-graduação *stricto sensu*) – “Manual” de sobrevivência - <https://pedrodemo.blogspot.com/2021/05/ensaio-628-de-dissertacoes-e-teses-pos.html>

16. Estão no blog diagnósticos dos estados: i) dois textos iniciais – ensaio 632 e 633; ii) Ceará (ensaio 634-642), Pará (643-651), São Paulo (710-719), Minas Gerais (686-695), Rio de Janeiro (652-660a), Rio Grande do Sul (772-783), Santa Catarina (696-704), Paraná (814-826), Mato Grosso do Sul (671-678), Goiás (762-770), Tocantins (730-738), Bahia (798-811), Pernambuco (720-729), Maranhão (747-758).

II. OUTROS TEXTOS

ANDREIS, G.S.L., MELLO, K.B., SILVA, M.J., SILVA, R.S. 2020. Ensaio sobre o pesquisar e refletir educação matemática na formação inicial de professores. CRV, Curitiba.

BACICH, L. & MORAN, J. (Orgs.). 2018. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Penso, Porto Alegre.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). 2018. Educação é a Base. MEC, Brasília - http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BID - ELACQUA, G., HINCAPIÉ, D., VEGAS E., ALFONSO, M. 2018. Profissão Professor na América Latina – Por que a docência perdeu prestígio e como recuperá-lo? BID, N.Y. <https://publications.iadb.org/handle/11319/8953>

BOURDIEU, P. & PASSERON, J.C. 1975. A Reprodução - Elementos para uma teoria do sistema educativo. Francisco Alves, Rio de Janeiro.

CARRAHER, T. et alii. 1988. Na vida dez, na escola zero. Cortez, São Paulo.

CHARLOT, B. Educação ou Barbárie? Cortez, 2020.

DEHAENE, S. 2020. How we Learn: Why brains learn better than any machine... for Now. Penguin Books.

DERESIEWICZ, W. 2014. Excellent sheep – The miseducation of the American elite & the way to a meaningful life. Free Press, N.Y.

DOLTON, P., MARCENARO, O., VRIES, R., SHE, P-W. 2018. Global Teacher Status – Index 2018. U. of Sussex & Varkey Foundation - <https://www.varkeyfoundation.org/media/4867/gts-index-13-11-2018.pdf>

FREIRE, P. 1997. Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra, Rio de Janeiro.

FURTADO, J.P. & MARENDINO, R.B. 2022. Admirável mundo novo: leitura e letramento entre estudantes da UFF. Estudos Linguísticos e Literários 73(1):151-167, <https://seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/13182/9910>

FURTADO, J.P. & MARENDINO, R.B. 2021. A escola de Sofia: Motivações dos(as) estudantes na UFF na eleição da universidade e da graduação. *RevistAleph* 35, Dezembro: 1-31.

GADOTTI, M. 2011. A boniteza de um sonho – Ensinar-e-aprender com sentido. Moderna, São Paulo.

HANUSHEK, E.A. & WOESSMANN, L. 2010. The High Cost of Low Educational Performance. The long-run economic impact of improving PISA outcomes. <https://www.oecd.org/pisa/44417824.pdf>

HOFFMANN, J. 2018. Avaliar para promover: As setas do caminho. Mediação.

KIRSCHNER, P. A., SWELLER, J., & CLARK, R. E. 2006. Why minimal guidance during instruction does not work: An analysis of the failure of constructivist, discovery, problem-based, experiential, and inquiry-based teaching. *Educational Psychologist* 41(2):75-86.

MACHADO, A.S.S. 2022. Formação Parcelada de professores: Da colônia à primeira década do século XXI. Appris, Curitiba.

PACHECO, J. & PACHECO, M.F. (Orgs.). 2013. A Escola da Ponte sob múltiplos olhares. Penso, Porto Alegre.

REICH, J. 2020. Failure to disrupt: Why technology alone can't transform education. Harvard U. Press.

RUSSAKOFF, D. 2015. The Prize: Who's in charge of America's Schools? Houghton Mifflin Harcourt, N.Y.

SANTOS, A.C.A. 2021. “Socioeducação” – Colocando o conceito entre aspas. Appris.

SAVIANI, D. & GALVÃO, A.C. 2021. Educação na pandemia: A falácia do “ensino” remoto. *Universidade e Sociedade* XXXI(67):36-49. https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf

SCHLEICHER, A. 2019. PISA 2018 – Insights and Interpretations. OECD. OECD Publishing, Paris – <https://www.oecd.org/pisa/PISA%202018%20Insights%20and%20Interpretations%20FINAL%20PDF.pdf>

UNESCO. 2022. Reimaginar nossos futuros juntos – Um novo contrato social para a educação. Relatório da Comissão Internacional sobre os futuros da educação. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>

WORLD BANK (WB). 2018. Learning – To realize education's promise. The World Bank, Washington. <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/28340>

ZHAO, Y. 2018. What works may hurt – Side effects in education. Teachers College Press.

